

## Hábitos do leitor de notícias contemporâneo

---

### *Hábitos del lector de noticias contemporáneo*

---

#### *Habits of contemporary newsreader*

---

Anna Paula Knewitz<sup>1</sup>

Nilda Jacks<sup>2</sup>

**Resumo** *Este artigo apresenta hábitos do leitor de notícias contemporâneo levantados a partir de uma pesquisa empírica de cunho sociocultural. Partindo do pressuposto de que ser leitor de notícias hoje implica mesclar propósitos, gestos, sensibilidades e habilidades dos jornais impresso e digital, a pesquisa, amparada, sobretudo, na Teoria das Mediações, de Martín-Barbero, buscou identificar como esses dois formatos coabitam e redesenham o cotidiano das pessoas.*

**Palavras-chave:** *Leitor de notícias contemporâneo. Leitura jornalística. Recepção na web.*

**Resumen** *En este artículo se presentan los hábitos del lector de noticias contemporáneo recogidos de un estudio empírico de naturaleza sociocultural. Suponiendo que ser lector de noticias hoy implica combinar propósitos, gestos, sensibilidades y habilidades de los periódicos impresos y digitales, la investigación, apoyada principalmente en la Teoría de las Mediaciones de Martín-Barbero, trató de determinar cómo estos dos formatos cohabitan y rediseñan la vida cotidiana de las personas.*

**Palabras-clave:** *Lector de noticias contemporáneo. Lectura periodística. Recepción en la web.*

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Membro do Núcleo de Pesquisa Cultura e Recepção Midiática da UFRGS.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

**Abstract** *This article presents the habits of the contemporary newsreader raised by an empirical research of socio-cultural nature. Starting from the presupposed argument that being a news reader implies mixing purposes, gestures, sensibilities and abilities of the digital and printed press, the research, supported above all on Martín-Barbero's Mediation Theory, envisaged to identify how these two formats cohabit and redraw people's daily routine.*

**Keywords:** *News reader. Journalistic reading. Reception on the web.*

---

Data de submissão: 16/02/2013

Data de aceite: 11/03/2013

## Introdução

Cultura e comunicação mantêm uma relação de recursividade. Assim, à medida que novas formas de produção, armazenamento, transmissão e recepção de informações foram sendo integradas à vida social, os delineamentos das práticas culturais foram também sendo redefinidos. Alinhada a essa premissa, Santaella (2007) descreve a complexidade cultural contemporânea como resultado da coexistência de seis formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Não se tratam, segundo a autora, de períodos sucessivos e evolucionários, mas de um processo cumulativo, em que cada era, impregnada por suas injunções econômicas e políticas, foi inserindo-se e provocando reajustes na anterior, tornando a malha cultural cada vez mais híbrida e densa.

Seguindo a mesma lógica, os formatos que compõem a paisagem midiática também não ascenderam numa escala progressiva de superação:

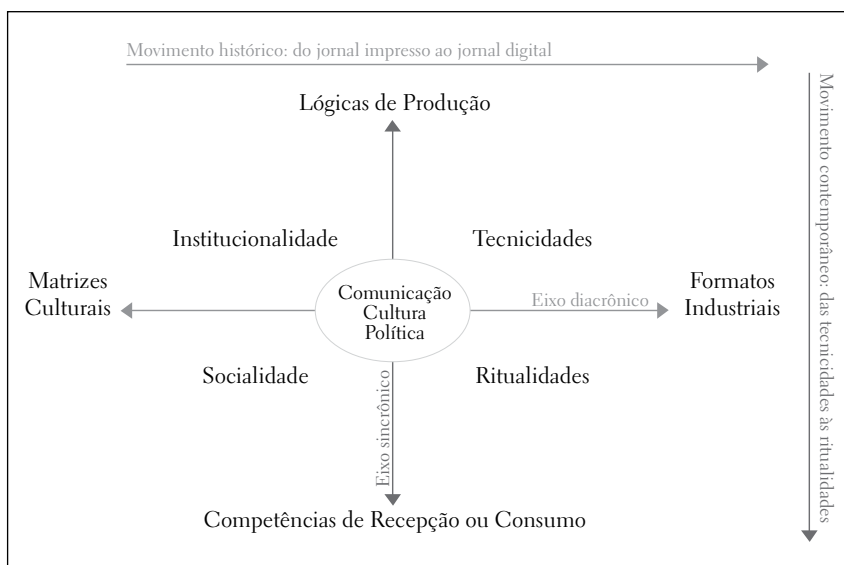
Todos os meios, velhos e novos, assim como as diversas tecnologias video-eletrônicas e digitais que os tornam possíveis, coexistem, conformando ou não convergências em sentido estrito, porém constituindo ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos. A chegada de um novo meio ou tecnologia não supõe necessariamente, nem tampouco imediatamente, a suplantação do anterior. (OROZCO, 2006, p. 84)

Fica claro, por consequência, que se o assunto é a relação entre o jornalismo em meios analógicos e em meios digitais, mais correto do que falar em ruptura, oposição ou ameaça é falar em reconfiguração, ou, como defende Palacios (2002), em continuidade e potencialização. Por essa razão, quando se tem a intenção de abordar o leitor de notícias na atualidade, torna-se fundamental contemplar tanto as práticas diante de papéis quanto de telas, afinal, vive-se hoje “uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, ‘em convivência’ e complementação no espaço mediático” (PALACIOS, 2002, p. 5-6).

Mas como esses formatos e as práticas de leituras a eles inerentes convivem, imbricam-se e complementam-se na vida cotidiana? Como os novos hábitos edificadas pelos webjornais vêm se misturando com as ações há tempo consolidadas pelos jornais impressos, construindo, assim, diferentes modos de ler notícias? Esses foram os questionamentos que nortearam uma busca empírica, amparada teoricamente no mapa barberiano das mediações (Martín-Barbero, 2004), junto a leitores do portal de notícias *Zerohora.com* que também têm ou tiveram o costume de ler a versão em papel do jornal Zero Hora. Foram pesquisados sujeitos adeptos a ambos os formatos justamente por se acreditar que ler jornal, hodiernamente, significa misturar propósitos, gestos, sensibilidades e habilidades do impresso e do digital.

[Os gêneros e os meios] são hoje lugar de complexas tramas de resíduos e inovações, de anacronias e modernidades, de assimetrias comunicativas que envolvem, da parte dos produtores, sofisticadas “estratégias de antecipação” e, da parte dos espectadores, a ativação de novas e velhas competências de leitura (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 236).

Para ver como essas novas e velhas práticas de leitura misturam-se na atualidade, foi preciso aterrissar o modelo teórico de Martín-Barbero (2004) em solo empírico e, para isso, foram traçados dois prismas de análise, representados na *Figura 1*. Criou-se um eixo diacrônico (jornal impresso → jornal digital), preocupado em identificar rupturas e continuidades nos processos de recepção, uso e consumo do jornal impresso e do jornal digital, e outro sincrônico (tecnicidades → ritualidades), destinado a examinar como as transformações que a tecnologia efetua nas linguagens e formatos, nas relações espaço-temporais e nas relações socioculturais, são incorporadas no dia a dia dos leitores.



**Figura 01.** Representação gráfica do mapa das mediações  
(baseada em Martín-Barbero, 2008).  
Fonte: KNEWITZ, 2010

Os dados qualitativos que alimentaram essas duas perspectivas de investigação foram recolhidos junto a 16 leitores, de ambos os sexos e de variadas idades (20 a 62 anos) e áreas de formação, por meio de entrevistas etnográficas, cujas bases são “a descrição detalhada do mundo presente e a reelaboração do marco organizador do mundo passado” (CÁCERES, 1997, p. 184). Após transcrever e sistematizar os dados coletados, vieram à tona seis categorias analíticas: coordenadas de leitura, preferências de suporte, formas de participação, percursos de leitura, usos de multimídia e modos de atualização, em torno das quais foram identificadas antigas e novas práticas. Por fim, tendo o cuidado de respeitar a subjetividade de cada informante e as nuances de suas ações e falas, procurou-se atentar para consensos, como forma de amarrar as constatações alcançadas<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Os procedimentos metodológicos da mencionada pesquisa estão detalhadamente expostos no artigo *As mediações como solo teórico para as negociações entre tecnologia e cultura no âmbito da recepção*.

Essa busca confluiu para a proposição de uma tipologia de leitura, integrada pela *leitura de contextualização*, pela *leitura de atualização* e pela *leitura de projeção* (KNEWITZ, 2010). Apresentar as peculiaridades de cada uma delas para melhor compreender o leitor de notícias contemporâneo é o intento deste texto.

### **A leitura de contextualização**

A *leitura de contextualização* é aquela em que o leitor estabelece seu primeiro contato com as notícias do dia. É uma leitura de base, em que as pessoas buscam um panorama dos cenários local e global para que possam se situar e inserir na realidade. “É quando me inteiro do que está acontecendo, quando entro no mundo externo”<sup>4</sup>, define o sujeito que, na pesquisa que originou o presente texto, foi chamado de *leitor 15*. Geralmente essa leitura abrange grande diversidade de assuntos e é efetuada com atenção e profundidade, em momento reservado exclusivamente para esse fim. Todos os entrevistados efetuam-na, sendo que aqueles que fazem uso tanto do jornal tradicional quanto do webjornal, que foram referenciados como *leitores cumulativos*, optam por realizá-la no formato impresso, migrando para a tela apenas nos dias em que, por alguma razão, não têm acesso ao jornal em papel.

Em cada um dos formatos, a *leitura de contextualização* acaba agregando particularidades, mas é possível que se detectem traços comuns. A começar pelo local de leitura: 13 dos 16 depoentes executam essa leitura em ambiente profissional, sendo que os únicos três que leem em casa são aqueles que não possuem vínculo empregatício formalizado. No que diz respeito ao horário, o padrão é a primeira hora da manhã. Cinco leitores, no entanto, por trabalharem em empresas em que o acesso a *sites* de notícia só é liberado ao meio-dia, veem-se obrigados a ler no intervalo do almoço. Ainda sobre o horário, percebeu-se uma diferença entre os

<sup>4</sup> As falas dos sujeitos investigados foram transcritas sem correções.

*leitores cumulativos* e os que substituíram o jornal impresso pelo digital, denominados, na pesquisa, *leitores substitutivos*: enquanto os primeiros costumam ler todo o jornal impresso de uma só vez, os segundos abrem o *site* logo que chegam a seus locais de trabalho, dão uma olhada geral e seguem lendo ao longo da manhã.

Conforme já mencionado, essa leitura matinal costuma ser ampla, aliás, a mais ampla entre as demais modalidades que serão apresentadas a seguir: “Nessa primeira leitura eu tento ler um pouco mais, né? Nem sempre eu leio a notícia inteira, mas dou pelo menos uma olhada em quase todas as notícias”, conta o entrevistado reconhecido ao longo do trabalho como *leitor 11*. O *leitor 4* explica que além de ter um caráter mais genérico, a *leitura de contextualização* é mais intensa: “Quando chego, dou uma lida mais forte para ter uma noção do dia. Nessa tenho mais concentração”. A chamada *leitora 1* faz essa leitura introdutória sempre ao meio-dia e classifica-a como compulsória: “A leitura que eu faço meio-dia é como se substituísse a leitura do jornal impresso, com tempo menor, só que como se fosse obrigatória; em relação à noturna, é mais profunda”.

Em termos de tempo, essa é a leitura mais extensa, durando de 15 minutos a 2 horas. A leitura do jornal impresso tende a demorar mais que a leitura do webjornal: “Vamos dizer, assim, que eu gaste uns 20 minutos olhando a Zero Hora virtual. Mas quando eu acessava o impresso, era o dobro desse tempo”, ilustra o já mencionado *leitor 15*. Na versão em papel as pessoas relatam despender pelo menos 30 minutos, enquanto que na tela leem no máximo meia hora ininterrupta, seguida de acessos mais curtos. Em razão de ser mais prolongada, a *leitura de contextualização* foi eleita a que melhor é armazenada na memória.

No que diz respeito à utilização de ferramentas de participação, esse momento apresentou-se favorável para a leitura e publicação de comentários e para a votação em enquetes. Já para o uso de recursos multimídia, esse período mostrou-se pouco apropriado, uma vez que acessar vídeos, por exemplo, é uma ação que os entrevistados vincularam a uma concepção de lazer, de diversão, sendo, pois, uma prática incoerente

com as demais tarefas efetuadas em ambiente profissional. Nesse caso, identificou-se o agravante das próprias empresas bloquearem o acesso, mesmo fora do horário de expediente.

Com relação ao uso do hipertexto, observou-se raro no caso da leitura em papel e, evidentemente, bastante explorado na leitura em monitores. No jornal impresso, somente três leitores utilizam com frequência o índice da capa como atalho para as notícias que julgam interessantes. Os demais costumam ter um comportamento que se aproxima ao da participante nomeada *leitora 6*: “Vou na ordem, dando uma olhada geral nas matérias, nos títulos, e lendo o que acho importante. O que começo a ler leio até o fim. Eu acho que eu leio tudo, não tem alguma coisa que eu pule e também não tem nenhuma que eu vá direto”, descreve ela. Da mesma forma, outros 11 informantes consideram padrão ler até o fim aquilo que começam, e mais 12 afirmam passar os olhos por toda a edição.

Já no caso da leitura *on-line*, apenas três procuram passar por todo o conteúdo publicado. Entre os restantes, sete chegam a confessar que olham quase que exclusivamente as notícias de capa, induzindo que se conclua que a *leitura de contextualização* feita *on-line* abrange uma gama menor de assuntos. Sobre o ordenamento e a completude, somente três leem em sequência, e nove leem até o fim. Desses nove, um ainda admite não efetuar uma leitura contínua: “Às vezes, vou pulando parágrafo por parágrafo, pegando alguma frase central dentro daquele parágrafo e vou mais ou menos tentando assimilar o conteúdo da reportagem, mas vou até o fim”, conta o sujeito que foi designado *leitor 13*. No caso dos outros sete, os que não leem até o fim, a justificativa tende a estar atrelada ao hipertexto, como explica o *leitor 5*: “No *on-line* nem sempre vou até o fim. Troco mais rápido para outra, porque geralmente já tem outro *link* aberto. Sei lá, talvez por ansiedade, assim. E aí tem que ser rápido para a gente sempre ver outras coisas, né?”.

Se a leitura *on-line* é aparentemente mais rápida e superficial, por outro lado, mostrou-se também mais multifacetada, uma vez que 12 dos 16 entrevistados contam ter, com a internet, consolidado o hábito



de ler mais de uma fonte. O dito *leitor 3* faz uma comparação com a leitura do jornal em papel: “Lendo o jornal *on-line* tu tem várias fontes com opiniões diferentes, né? Aí sim tu consegue ver o posicionamento de cada uma de forma mais clara. No impresso tu até te identifica com o posicionamento, mas tu não tem tão fácil um referencial de outro local para comparar”, analisa. O *leitor 16*, por exemplo, diz usar uma única fonte na leitura impressa, mas reclama que, com o tempo, os conteúdos se tornam repetitivos e previsíveis. Por essa razão, ele costuma cada ano assinar um jornal diferente. Já na leitura digital, ele acessa em média quatro fontes, com o intuito de tornar a sua leitura ainda mais completa: “Se eu já vi mais de uma vez aquela notícia, passo para outro jornal e olho alguma coisa nova. Eu vou pegando parêlho, e aí o que me interessa, eu abro. Tem que ver outra opinião, não é aquela coisa de sempre”, argumenta ele.

Pode-se observar, portanto, que, segundo resume o quadro a seguir, fazer uma *leitura de contextualização* no meio impresso e fazer uma *leitura de contextualização* no meio digital são processos distintos. Reservadas as especificidades de cada suporte, pode-se, enfim, caracterizar essa modalidade de leitura como sendo uma leitura matinal, que se dá tanto em papel quanto em tela, geralmente em ambiente profissional, com duração de 15 a 30 minutos na web e de 30 minutos a 2 horas na versão impressa. Quando efetuada em versão *on-line*, explora escassamente as possibilidades multimídia, mas faz uso constante dos recursos de interação e do hipertexto. O hipertexto é utilizado principalmente com as finalidades de promover uma leitura mais profunda e desordenada e de facilitar a seleção dos conteúdos e a consulta a outras fontes. É uma leitura profunda, que demanda concentração, tendo, portanto, bom grau de absorção e memorização. Foca assuntos genéricos, sendo que na leitura em papel consultam-se mais dados em menos fontes e na leitura digital consultam-se assuntos menos variados, mas sob um número maior de perspectivas. Por fim, como sugere sua denominação, essa leitura tem como objetivo primordial situar o leitor na micro e macro realidades que o envolvem.

Categoria analítica	Leitores cumulativos	Leitores substitutivos
Suporte	Papel.	Tela.
Horário	Cedo da manhã ou ao meio-dia.	Ao longo da manhã.
Local	Predominantemente no trabalho. Duas pessoas leem também em casa e uma lê sempre em casa.	Predominantemente no trabalho. Duas pessoas, que não possuem vínculo empregatício, leem em casa.
Uso dos recursos de interação	Limita-se à leitura da página do leitor.	Leitura e publicação de comentários e votação em enquetes.
Uso do hipertexto	Para se deslocar diretamente da capa para certas notícias ou, por meio da diagramação, prover a leitura alinear das notícias dentro de uma mesma página.	Para promover uma leitura mais profunda e desordenada e facilitar a seleção dos conteúdos e a consulta a outras fontes.
Uso dos recursos multimídia	Consulta a textos e imagens.	Escasso e focado predominantemente em infográficos.
Duração	Pelo menos 30 minutos.	No máximo 30 minutos.
Profundidade	Alta.	Média.
Amplitude de assuntos	Grande quantidade de assuntos genéricos em poucas fontes.	Quantidade razoável de assuntos genéricos em diversas fontes.

**Quadro 1.** Resumo das características da *leitura de contextualização*.

## A leitura de atualização

A *leitura de atualização* é aquela em que o leitor costuma informar-se sobre os novos acontecimentos que irrompem no decorrer do dia ou sobre a evolução de fatos que venha acompanhando. É uma leitura rápida e fragmentada, em que as pessoas buscam o sentimento de controle sobre o cenário em que estão inseridas. “Mais é olhar as manchetes do que está acontecendo no momento, para não ficar perdido”, explica o chamado *leitor 14*. Nessa leitura, a instantaneidade tem mais peso que o conteúdo, isto é, o que importa são as últimas notícias e não as notícias mais importantes. Trata-se do acompanhamento constante e superficial de uma quantidade geralmente restrita de assuntos. Costuma ser efetuada em concomitância com outras atividades, envolvendo, portanto, atenção parcial. Conforme menciona o *leitor 4*, é uma leitura que veio a reboque das novas possibilidades ofertadas pelo webjornalismo: “Quando é aquela coisa que aconteceu naquele dia mesmo, aí só tem como ler notícias na internet, né?”.

Na verdade, como lembra o anteriormente referido *leitor 3*, essas notícias que vão surgindo ao longo do dia já podiam ser acessadas por meio do tele e do radiojornalismo: “Antes o *Jornal do Almoço* é que atualizava as notícias que eu via de manhã. Muitas notícias eu ouvia no rádio e esperava o telejornal começar para ver aquela notícia ali, né? Daí sim, com imagem”, conta ele. Mas, com a web, o entrevistado comemora a liberdade de horários que tem para fazer isso e a maior velocidade com que as novidades são apresentadas, bem como a *leitora 2*: “Antes eu esperava a televisão, mas agora não tenho mais paciência de esperar”, admite ela. Ou seja, o novo não está em querer acompanhar o desenrolar dos fatos jornalísticos, mas na forma como essa prática vem se estabelecendo, segundo descreve o depoente que foi intitulado como *leitor 9*:

A partir do momento que os *sites* começaram a atualizar notícias de forma rápida, foi gerando essa necessidade. Em todos eu procuro a mesma coisa: notícias atualizadas minuto a minuto ou notícias que estão em evidência na mídia e que eu busque mais informações. Me irrita quando um *site* não traz nenhuma coisa nova, furos de reportagem.

A *leitura de atualização* é efetuada por 11 dos 16 leitores examinados e costuma acontecer no local de trabalho, ao longo da tarde. Das cinco pessoas que não a fazem, apenas uma não a faz por opção; os quatro demais são impossibilitados em função de suas empresas bloquearem os *sites* de notícia em horário de trabalho. As empresas onde trabalham outros quatro leitores também não permitem a leitura de webjornais ao longo do dia, mas esses, por serem estudantes, encontraram na faculdade uma válvula de escape: eles costumam ler as atualizações à tardinha, antes de suas aulas começarem. A *leitora 2* demonstra a força de seu ritual ao relatar seu mal-estar no dia em que não pôde cumpri-lo:

Criei o hábito de ler antes da aula pra saber se não mudou alguma coisa. Esses dias eu não tive a oportunidade de ler e foi horrível: quando eu cheguei, já tinha um monte de notícias e eu “Bah, ninguém me contou nada, fiquei por fora!”. Fiquei irritada, sabe? Eu gosto de estar por dentro do que está acontecendo.

Ao contrário, os leitores que podem ficar constantemente conectados à rede em seus empregos efetuam a *leitura de atualização* várias vezes ao dia, em pequenas pausas identificadas entre uma atividade e outra. Esses intervalos não são previamente planejados; acabam sendo ritmados pelo próprio fluir das tarefas profissionais, conforme explica o indivíduo a que se atribuiu, na investigação, o nome de *leitor 8*: “No meu trabalho tem algumas coisas que demoram algum tempo para fazer, sabe? Aí tu manda fazer e, enquanto espera, já abre uma página, depois tu fecha e continua fazendo o que estava fazendo. Não que eu goste disso, mas é mais nesse contexto que eu leio”, esclarece. Nada garante, portanto, que

haja uma regularidade entre as leituras: nem sempre os horários eleitos, o número de acessos e a duração de cada acesso são os mesmos. Porém, em geral, as pessoas, no turno vespertino, efetuam pelo menos três “doses” de leitura de cinco minutos cada, um procedimento que, no caso atípico dos estudantes, acaba sendo substituído por um único acesso de aproximadamente 15 minutos no final da tarde. O *leitor 3* realiza a *leitura de atualização* de forma mais intensa:

Olho o *site* umas 15 vezes mais ou menos. Entro, vejo a notícia, fecho para não perder o foco, lembro de alguma coisa, abro de novo... Se a página está aberta, eu atualizo para ver se já chegou alguma notícia nova. Se não chegou, eu já fecho e espero mais alguns minutos. Agora sempre fico esperando.

Como ele, outros sujeitos investigados apontam o acompanhamento permanente como uma característica da *leitura de atualização* e descrevem mudanças perceptíveis que esse traço implantou em seus comportamentos. O *leitor 11*, por exemplo, diz que no período em que podia acompanhar as informações em tempo integral, no local de trabalho, tornou-se um “dependente da notícia”. Ao justificar-se, ele faz uma comparação com a prática que mantinha no jornal em papel: “No impresso, dificilmente tu vai folhear mais de uma vez no dia. Talvez, ah, tu não teve tempo de ler, aí deixa para ler inteira mais tarde, mas geralmente tu vai ler na hora tudo o que tu quer; dificilmente tu vai ao longo do dia ficar reutilizando aquela mídia”, comenta. Enquanto ele relata um acompanhamento mais intenso, o *leitor 13* destaca ter hoje um acompanhamento também mais amplo: “Acho que estou cotidianamente com um volume maior de informações ou de temáticas que eu acompanho. Eu notei que eu acompanho um número maior de eventos, fatos, processos do que acompanhava durante a época da versão impressa”, analisa ele. O *leitor 9* também enxerga-se rodeado por uma carga maior de informações e conta que isso vem alterando seus atos até mesmo na mídia impressa:

Depois que eu passei a navegar pelos portais de informação *on-line*, eu passei a ficar mais atualizado durante o dia. Antes eu me atualizava só pela manhã, quando eu lia o jornal. Atualmente, eu leio as notícias até a hora de dormir. Da mesma forma, eu continuo comprando os jornais que eu comprava antes e até mais... Porque quanto mais informações a gente lê, mais surge a necessidade de ler sobre os desdobramentos dessa informação.

Para dar conta dessa quantidade grande e crescente de informações que passam a cruzar suas rotinas, as pessoas confessam abrir mão da profundidade. A *leitura de atualização* é, na verdade, como descrevem os entrevistados, uma leitura de manchetes. A proposta é dar uma olhada assumidamente superficial em um número restrito de assuntos que percorrem a esfera pública naquele exato momento. “Nessas outras entradas ao longo do dia é um acesso rápido. Olho só uma parte do *site* que é um panorama das coisas novas. É só uma passadinha, não entro no jornal”, reconhece o *leitor 14*. O *leitor 11* diz o mesmo em outras palavras, reforçando ainda mais o fato de a *leitura de atualização* não abranger outros assuntos que não os mais recentes: “Essa leitura que eu fazia no meio da tarde era meio superficial, né? Dificilmente eu procurava uma notícia específica lá ou lia a notícia inteira”, conta ele. A *leitadora 1* faz questão de contrastar a profundidade de sua *leitura de contextualização* com a sua rasa *leitura de atualização*:

Se eu pudesse escolher, eu ficaria com o papel e daria uma rapidinha na web. Não dou rapidinha no papel, prefiro nem pegar. Senão fica aquela coisa: “estava na minha mão e eu não li!”. Mas na internet não tenho essa culpa. Tem vezes que nem cliço na notícia, me contento em saber só o que está ali no título; nem é ler, é só ver mesmo.

Percebe-se, a partir dessas falas, que o hipertexto é um recurso pouco utilizado, uma vez que as pessoas afirmam, nesse tipo de leitura, observar a(s) página(s) estaticamente, sem clicar, só vendo, dando uma “passadinha”, sem procurar por assuntos. Sete pessoas relatam, de modo geral, se deter na capa do *site* quando leem *on-line*, mas, quando o

assunto é especificamente a *leitura de atualização*, todos os entrevistados que a efetuam dizem fazer isso. Logo, trata-se de uma “leitura plana”, em que o mais comum é utilizar a barra de rolagem para deslocar-se para os lados e na vertical do que o hipertexto para adentrar os níveis do portal. A justificativa? A falta de tempo, que, aliás, é a mesma para o uso também reduzido dos recursos multimídia, somada à previamente comentada restrição de acesso imposta pelo ambiente profissional. Vídeos e áudios, para que sejam acessados, precisam, em regra, atender às mesmas condições dos demais conteúdos: estarem vinculados a fatos de última hora, preferencialmente polêmicos.

No que tange às ferramentas de interatividade, observou-se que na *leitura de atualização* a redação de comentários torna-se mais rara, ao passo que ganham peso outras ferramentas com foco na interação mais imediata, como *chats* e envio de materiais em tempo real. Na verdade, nenhum informante disse ter enviado materiais nessa situação, mas alguns admitiram já ter tido vontade, e outros relataram o prazer sentido ao acessar conteúdos enviados por outros interagentes. O *leitor 5* exemplifica: “Uma vez teve um incêndio lá do lado do serviço; eu enxergava, aí eu acessei o *Zerohora.com* e em seguida tinha fotos do pessoal que trabalha lá no prédio. Achei legal”, conta ele. Já a experiência narrada pela usuária tratada durante a pesquisa que angariou estes dados como *leitora 12* foi vivenciada em um *chat*:

Na semana que teve aquele temporal feio em Porto Alegre eu estava em casa e até pensei “não vou sair agora, porque ficou superescuro”. Então eu comecei a acompanhar pelo *site*, e foi muito legal. Tinha uma espécie de *chat* ao vivo com um editor e as pessoas enviando coisas, “ó, aqui em tal lugar aconteceu tal coisa”. Aquele momento foi muito bacana, eu achei super internet. Eu senti que realmente estava tendo as informações em tempo real.

Com relação à memorização, evidentemente os conteúdos lidos nessa modalidade de leitura têm baixa fixação, uma vez que o leitor direciona pouco tempo e atenção parcial ao que está lendo. O *leitor 4* não vê problemas em admitir que não costuma gravar os conteúdos: “Essa ao longo

do dia é leitura rápida. Tipo, provavelmente eu leio o negócio e cinco minutos depois, se tu me perguntar, talvez eu não lembre”. A *leitora 12* compara a concentração empreendida na *leitura de contextualização* e na *de atualização*: “Em casa fico bem concentrada na tela, mas na faculdade e nos outros lugares eu leio meio por cima; só dou uma olhada, daí depois eu me lembro ‘Ah, aquele assunto eu quero ler de novo’”, conta ela.

O benefício que os leitores esperam ter com essa leitura é de curto prazo. Muitas vezes o assunto sequer é relevante, e talvez no outro dia ninguém mais fale sobre aquilo, mas, no momento em que tal fato está ocorrendo, ele é o centro da esfera pública, e todos buscam tomar conhecimento, para que não sejam surpreendidos ou para que possam surpreender. É o caso do *leitor 9*, advogado, que conta algumas vantagens de estar *up-to-date*:

Acho que uma pessoa bem informada pode dar uma opinião mais avaliada sobre outros assuntos. Ajuda no meu próprio trabalho estar bem informado, ajuda na minha relação com os clientes, ajuda na minha relação com os outros advogados, porque quando se conversa com a pessoa, nas interações pessoais, repercutem notícias, repercutem fatos que estão acontecendo no nosso dia a dia. E se a gente não está bem atualizado, a gente não consegue manter a conversação. Nem dar opinião e, tampouco, discordar da pessoa.

A partir desses dados, podem-se delinear algumas conclusões, sintetizadas no *Quadro 2*, acerca da *leitura de atualização*: é uma leitura que ocorre quase que exclusivamente na tela, ao longo da tarde, no local de trabalho, inserindo-se entre as tarefas profissionais. Nos casos em que a política empresarial não permite essa prática, os leitores vêm procurando ambientes alternativos, como a faculdade, para fazer ao menos um único acesso com o intuito de atualizar-se. Detectou-se, contudo, que o padrão corresponde a vários acessos (de três a 20) rápidos e superficiais, destinados a acompanhar as últimas notícias do dia a partir de seus títulos. Os conteúdos lidos não costumam ficar gravados na memória por muito tempo, pois sua importância parece esvair-se tão logo um assunto mais recente entra em pauta. Por essa razão, os recursos multimídia costumam ser acionados especialmente



Suporte	Tela.
Horário	Tarde e anoitecer.
Local	Trabalho e faculdade.
Uso dos recursos de interação	Destaque para chats e envio de materiais em tempo real.
Uso do hipertexto	Escasso, pois as pessoas costumam se contentar com a leitura dos títulos da capa, sem explorar os demais níveis do site.
Uso dos recursos multimídia	Uso mais intenso quando vinculados às notícias de última hora.
Duração	Em geral, pelo menos três acessos de aproximadamente cinco minutos cada.
Profundidade	Baixa. A proposta da leitura é justamente ser superficial.
Amplitude de assuntos	Assuntos restritos (apesar de bastante desdobrados) que circulam na esfera pública no momento presente.

**Quadro 2.** Resumo das características da *leitura de atualização*.

quando vinculados a uma notícia nova, enquanto que as ferramentas de interação são bastante empregadas quando produzem um efeito instantâneo e dinâmico, como, por exemplo, o gerado por um *chat* ou pelo envio de textos e imagens em tempo real. O hipertexto é pobremente explorado, pois nessa leitura as pessoas tendem a absorver somente chamadas de capa, sem sequer clicar nos *links* para visualizar o conteúdo na íntegra. No que diz respeito ao objetivo dos leitores ao efetuarem-na, enfim, parece estar no acompanhamento intenso e contínuo de um número restrito de fatos que circulam como destaques do dia, com o intuito de sentirem-se inteirados sobre o agora.

### **A leitura de projeção**

A *leitura de projeção* é aquela em que o leitor consulta o desfecho dos fatos do dia vigente e, referenciando-se neles, procura antecipar-se sobre os assuntos que atravessarão sua rotina no dia seguinte. Dessa forma, é uma

leitura que traz intrínsecos dois sentimentos: o de exaustão e o de precaução. “É a hora de ver tudo o que não vi durante o dia e um pouco do que verei no jornal de amanhã”, esclarece o chamado *leitor 15*. Assim como na *leitura de atualização*, a prioridade da *leitura de projeção* são as novidades; a diferença está na profundidade com que as notícias são lidas, que na última costuma ser maior. Ao todo, 12 dos 16 entrevistados realizam essa leitura, que, por motivos óbvios, ocorre apenas na versão digital.

Essa modalidade de leitura se dá à noite, em casa, atendendo a necessidades que historicamente costumavam ser saciadas pelo telejornal. Observou-se que sua duração varia bastante, e que um dos fatores condicionantes é a realização ou não da *leitura de atualização* em momento anterior. Para os que já acompanham as notícias ao longo do dia, essa leitura noturna ocorre como uma continuação, durando cerca de 20 minutos: “Depois eu leio o *Zerohora.com* em casa também, quando chego da faculdade, 11 e tanto. Aí eu entendo de outra maneira, eu comparo com o que li antes e vejo se aconteceu mais alguma coisa”, conta a *leitadora 2*. Mas para os que até então só efetuaram a *leitura de contextualização*, o tempo tende a aumentar bastante, uma vez que precisam, nesse momento, retomar um número muito maior de notícias: “À noite já pego notícia que não vi no jornal ao meio-dia e um pouco do que vou ver no outro dia. Depois o impresso e os outros webjornais complementam aquilo ali”, explica o *leitor 16*, ao justificar o porquê dessa ser a sua leitura mais longa, entre as realizadas em meio digital.

Não é costume buscar muito detalhamento sobre os assuntos resgatados, objetiva-se apenas compreendê-los e verificar seu *status*. Já aos acontecimentos de última hora, as pessoas costumam dedicar mais atenção, pois seguirão tendo influência no seu dia a dia. Assim, ao contrário do que ocorre com a *leitura de atualização*, em que o critério de seleção é quase que exclusivamente a recenticidade do acontecimento, aqui o que definirá se um conteúdo será lido ou não é também sua relevância, sendo considerados relevantes aqueles tópicos que prometem ter um impacto capaz de estender-se para o dia posterior: “Aquilo que eu perdi, se não pude ler de tarde, não é ‘Ah, nossa, que perda!’. O que for relevante vai continuar

em destaque na própria web, de noite, e no jornal impresso, no outro dia”, afirma a *leitora 1*, revelando a segurança que a *leitura de projeção* lhe proporciona, sobretudo quando complementada pela *de contextualização*.

Não só a *leitora 1* julga mais importante antever o que virá do que rever o que passou: “Difícilmente vou olhar o que já vi de manhã. Só tem alguns assuntos que me deixam curioso, aí à noite vou ver se divulgaram mais alguma coisa. Claro que aí eu não vou olhar a versão impressa, eu vou olhar os últimos títulos, que vão virar notícia no outro dia”, afirma o *leitor 11*. O exemplo trazido pelo *leitor 16*, que trabalha com agricultura, deixa ainda mais clara a função social que a *leitura de projeção* tem de auxiliar no planejamento do dia subsequente:

Todos os dias eu olho a Bolsa Eletrônica e a previsão do tempo, até para poder plantar. Antes eu buscava essas informações na página do jornal, mas eram muito vagas, né? As informações podem mudar totalmente ao longo do dia. Agora quando o pessoal que trabalha lá fora me pergunta “Vamos plantar amanhã?”, eu digo: “Espera, depois eu ligo. Depois que chegar em casa, eu digo como vai estar o tempo”.

Percebe-se, pois, que, enquanto a leitura vespertina ajuda a organizar o presente, as informações acessadas de manhã e à noite ajudam na organização do futuro, o que serve como justificativa para o fato de os conteúdos acionados pelas *leituras de contextualização* e *de projeção* serem mais lembrados que os evocados na *leitura de atualização*. Destaca-se, contudo, que, com relação à leitura matinal, a leitura noturna é mais superficial, até porque os conteúdos ofertados também costumam ser mais sucintos: “Às vezes, não sai o comentário grande, né? No outro dia, no jornal, é que vai ter uma notícia mais completa sobre aquilo que foi divulgado de forma mais objetiva no dia anterior”, esclarece o *leitor 11*.

No que diz respeito ao uso do hipertexto, a *leitura de projeção* se mostrou semelhante à *leitura de contextualização on-line*, uma vez que em ambas a navegação é alinear, razoavelmente profunda e perpassa várias fontes. As ferramentas de interação também apresentaram uma utilização similar, com o

diferencial de, evidentemente, à noite as participações estarem vinculadas a assuntos que entraram em pauta há menos tempo. Com relação aos recursos multimídia, constatou-se que são bastante utilizados nessa modalidade de leitura, pois ela ocorre em casa, onde as pessoas não precisam respeitar as restrições técnicas e políticas impostas pela esfera profissional. O *leitor 8* destaca, porém, que os assuntos acessados, assim como ocorre com a *leitura de atualização*, são os mais recentes ou os que agregaram grande popularidade no decorrer do dia: “Se vejo áudio e vídeo, é em casa. Mas também não vou voltar para ver uma notícia que eu não pude ver no trabalho, sabe? Só se for alguma coisa muito ‘Ó!’”, esclarece ele.

Sumaria-se, então, a *leitura de projeção* como uma leitura noturna, semiaprofundada, feita no computador residencial, com duração de 20 minutos a uma hora. Abrange tanto conteúdos específicos quanto genéricos e inspira alto grau de memorização, embora menor que o atingido com a *leitura de contextualização*. Quando a realizam, os leitores costumam fazer amplo uso do hipertexto e dos recursos interativos e multimídia, sendo que, no que tange à multimidialidade, esta se mostrou a modalidade de leitura que mais a explora. Essa leitura possui duplo objetivo: o de recuperar dados que não puderam ser acessados ao longo do dia e o de, a partir deles, antecipar-se diante dos acontecimentos que serão debatidos e vivenciados no próximo amanhecer. O quadro na página ao lado dispõe concisamente essas características.

### **Considerações finais**

Conforme se pode observar, nem todos os leitores realizam todas essas leituras e, tampouco, fazem-nas da mesma forma e no mesmo meio, mas, de modo geral, eles afirmam estar lendo mais notícias, em mais momentos e com diferentes intensidades. O *leitor 13* descreve o que vem acontecendo no seu caso: “Com o *on-line* passei a ler mais notícias, mas leio menos livros, menos revistas, ou coisas assim. Tanto é que não assino mais nada. Se é bom, se é ruim, isso aí eu não saberia ponderar. Mas é

Suporte	Tela.
Horário	Noite.
Local	Casa.
Uso dos recursos de interação	Focado na leitura e publicação de comentários.
Uso do hipertexto	Para promover uma leitura mais profunda e desordenada e facilitar a seleção dos conteúdos e a consulta a outras fontes.
Uso dos recursos multimídia	Momento em que os áudios e vídeos são mais acessados.
Duração	De 20 minutos a uma hora.
Profundidade	Média.
Amplitude de assuntos	Assuntos diversos que ocorreram ao longo do dia e que serão destaque no dia seguinte.

**Quadro 3.** Resumo das características da *leitura de projeção*.

isso que acaba acontecendo”. Como ele, os *leitores 8 e 16* também mencionam ler menos revistas e/ou livros. Além disso, alguns leitores (3, 11 e 16) dizem, em função da leitura de webjornais, ter reduzido as horas de exposição à televisão, e outros ainda, que aqui foram chamados de *leitores substitutivos*, contam ter praticamente abandonado a leitura em jornal impresso em dias úteis.

Se num primeiro momento essas opções parecem sinalizar perdas, defende-se aqui que elas apenas indicam modificações; adaptações que as novas técnicas que ingressam nos processos jornalísticos geram nas práticas dos leitores, ou, em outras palavras, negociações que a tecnologia faz com a cultura no âmbito das mediações. Evidentemente, a paisagem jornalística ainda tem muito a mudar: novos meios e recursos tecnológicos surgirão, outros já existem, mas foram aqui pouco ou nulamente contemplados, as formas de sociabilidade e as coordenadas espaço-temporais passam por mutações, enfim, trata-se de uma constante

construção. É por isso que o que se quer com essa proposta de forma alguma é enrijecer um fenômeno naturalmente dinâmico, mas mapear e ordenar alguns movimentos identificados na realidade atual, ou em fração dela, que possam trazer indícios sobre como vem se posicionando o leitor de notícias contemporâneo em meio a todas essas transformações.

## Referências

- CÁCERES, L. J. G. *Sabor a ti: metodología cualitativa en investigación social*. Xalapa: Universidad Veracruzana, 1997.
- KNEWITZ, Anna Paula. *A leitura jornalística na contemporaneidade: novas e velhas práticas dos leitores de Zerohora.com*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 251. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- KNEWITZ, Anna Paula; JACKS, Nilda. *As Mediações como solo teórico para as negociações entre tecnologia e cultura no âmbito da recepção*. Trabalho apresentado ao X Congresso ALAIC “Comunicación en Tiempos de Crisis”. Bogotá, 2010.
- MARTÍN-BARBERO, J. Uma agenda para a mudança de século. In: \_\_\_. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 257-303.
- \_\_\_\_\_. Pistas para entre-ver medios y mediaciones. *Revista Anthropos*, n. 219, p. 43-48, abr./jun. 2008.
- OROZCO, G. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, D. (Org). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 33- 49.
- PALACIOS, M. *Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate*. 2002. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_informacaomemoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2009.
- SANTAELLA, L. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 468.